ANATOMIAS HIBRIDAS: INVENTANDO *EUS*

Lutiere Dalla Valle
Universidade Federal de Santa Maria/RS

[…] os humanos, ao menos ao longo de um determinado plano de existência, são mais múltiplos,
mais transientes e mais não-subjetiva- dos do que somos levados a acreditar.
Além disso, podemos agir sobre nós mesmos para habitar
essas formas não-subjetivadas de existência.
Nikolas Rose

No Livro organizado por Tomaz Tadeu da Silva, *Nunca fomos humanos: nos rastros do sujeito*, Nikolas Rose, aborda a complexidade ao pensar e articular nossas concepções de *ser* e *estar* em um mundo cada vez mais consciente de suas múltiplas possibilidades existenciais: latentes, plurais, inventivas, ficcionais, interpretativas e transacionais. Diante das contingências culturais com as quais nos implicamos, noções de subjetividade e identidade transitam por definições terminológicas – oriundas da psicologia, da sociologia e da filosofia – ao forjar pistas para pensar nossa humanidade face àquilo que nos interpela, afeta e constitui enquanto nômades. No artigo *Inventando nossos eus,* Rose nos convida a refletir, problematizando, a partir da concepção histórica de um sujeito universal, estável, unificado, totalizado, individualizado, interiorizado, lançando-nos à premissa de que "os humanos nunca existiram, nunca puderam existir, nessa forma coerente e unificada" pois seria - a partir destas definições - a ontologia humana "uma criatura despedaçada no seu próprio núcleo"(p.140). De acordo com Rose, no lugar do *eu*, "proliferam novas imagens de subjetividade: como socialmente construída; como dialógica; como inscrita na superfície do corpo; como espacializada, descentrada, múltipla, nômade; como o resultado de práticas episódicas de auto exposição, em locais e épocas particulares. (p. 140).

Neste sentido, a série de desenhos que compõem a Mostra **"Anatomias Hibridas: Inventando *Eus*"** está centrada nas representações da figura humana – algumas antropomórficas – imersas na saturação de elementos

ornamentais que funcionam como molduras fixas, delimitando o alcance destas representações. Simulando estampas ou elementos decorativos, propõe relações com aspectos de distintas culturas – aludindo às práticas contingentes que delineiam papéis e noções de identidade que podem configurar-se desde situações cotidianas a imaginários coletivos que conformam e corporificam os sujeitos. Ao mesmo tempo, relações entre figura/fundo, materializando elementos visuais que configuram concepções imagéticas pautadas pela repetição e padronização dos elementos florais, geométricos, gráficos, formais ou aleatórios. Através do papel vegetal, com o uso do nanquim (onde predomina o preto em contraste com o a cor dourada – e em alguns casos, tons ocres ou avermelhados), sobrepõe-se o uso do contorno em excesso para delimitar, por meio da linha, relações formais na estrutura compositiva.

Inventar *eus* possíveis reflete, portanto, o caráter auto referencial: o *eu* artista, o *eu* docente, assim como os infinitos *eus* que habitam e atravessam a produção artística. As obras são sempre projeções autobiográficas carregadas de simbolismo que ora denunciam angústias mundanas, ora trazem à tona desejos e figuras imaginadas extraídas de um universo eloquente às vistas da imaginação. “Como os artistas se dedicam a dar forma à sua experiência vivida, os objetos artísticos são, em certo sentido, experiências vividas transformadas em configurações transcendidas”. (VAN MANEN, 2003: 92)

As referencias aludem às representações clássicas da figura humana, explorando nus masculinos, femininos ou andróginos para desmantelar ou colocar em relação noções rígidas de gênero ou classificação. Referencias a *Narciso* e *Afrodite* podem ser visivelmente observadas – apesar de nenhuma obra conter algum título – pois, a proposta consiste justamente na abertura às múltiplas interpretações que cada sujeito pode elaborar ao colocar-se diante da imagem. Noções clássicas da representação constituem, igualmente, pontos de partida para as elaborações visuais: podem conectar-se com alguns aspectos referenciais da arte egípcia, sobretudo à deusa *Bastet* (corpo de mulher e cabeça de felino), bem como as grandes asas de *Ísis* (protetora da natureza e da magia). Referência a Adão – arrependido ao ser expulso do *Paraíso*, tem a

cabeça-polvo e seu membro dourado que representa a força do falo na maioria das culturas, bem como seu caráter opressor sobre o feminino.

Estruturas formais poderiam remeter-se, da mesma forma, a algumas estruturas recorrentes nas representações cristãs, como por exemplo *Sagrado Coração de Jesus* que aqui é profanado, apresentando em suas estruturas a figura de um *Cervo/ Veado*, ou de um *Lobo* que encara que os olha. Ou ainda, três crânios justapostos – formando apenas uma face – ocupa a centralidade compositiva em uma estrutura que muito lembra a representação cristã do *Messias*. Alguns corpos aparecem dissecados: veias, tendões, músculos, ossos que se sobressaem em tramas gráficas para evidenciar que somos matéria em transição constante, sujeitos em devir.